

I

Por mais que as várias centenas de milhares de pessoas reunidas num pequeno espaço procurassem desfigurar aquela terra em que se apinhavam, por mais que cobrissem a terra de pedras para que nela nada crescesse, por mais que arrancassem cada ervinha que nascia, por mais que a defumassem com carvão de pedra e com petróleo, por mais que cortassem as árvores e enxotassem todos os animais e todos os pássaros, a primavera continuava a ser primavera mesmo na cidade. O sol aquecia; a erva, revivescendo, crescia e verdejava por todo o lado, não apenas nos relvados dos bulevares, mas também entre as lajes de pedra; as bétulas, os choupos, a cerejeira-brava deitavam os seus gomos e folhas aromáticas; as tílias inchavam os seus botões que eclodiam; as gralhas, os pardais e os pombos preparavam já com alegria primaveril os seus ninhos, e as moscas zumbiam junto aos muros aquecidos pelo sol. Alegravam-se as plantas, e os pássaros, e os insetos, e as crianças. Mas as pessoas — as pessoas crescidas, os adultos — não paravam de se enganar e atormentavam-se a si próprios e uns aos outros. As pessoas achavam que o sagrado e importante não era aquela manhã primaveril, não era aquela beleza do mundo de Deus, dada para bem de todos os seres, essa beleza que predispunha para a paz, para a concórdia e para o amor; mas que o sagrado e importante era aquilo que eles inventavam para se dominarem uns aos outros.

Assim, no escritório da prisão provincial não se considerava sagrado e importante que a todos os animais e a todas as pessoas fosse dado o enternecimento e a alegria da primavera; mas considerava-se sagrado e importante o facto de na véspera ter sido recebido um papel, com número, carimbo e cabeçalho, para que, às nove horas da manhã deste dia, 28 de abril, fossem entregues e conduzidos a tribunal três presos ali mantidos em prisão preventiva — duas mulheres e um homem. Uma

destas mulheres, como criminosa importante, devia ser entregue em separado. E pronto, com base nessa disposição, em 28 de abril, no corredor escuro e fedorento da secção feminina, às oito horas da manhã, entrou o carcereiro-chefe. Atrás dele entrou no corredor uma mulher de rosto extenuado e cabelos grisalhos crespos, vestindo uma blusa com galões nas mangas e a cintura cingida por um cinturão com debrum. Era uma carcereira.

— Procura Máslova? — perguntou ela, aproximando-se com o carcereiro de serviço de uma das portas das celas que davam para o corredor.

O carcereiro, tinindo metais, abriu o cadeado e a porta da cela, de onde saiu uma baforada de ar ainda mais fedorento do que o do corredor, e gritou:

— Máslova, para o tribunal! — e voltou a fechar a porta, à espera.

Até no pátio da prisão havia o ar fresco, vivificante dos campos, trazido para a cidade pelo vento. Mas no corredor o ar era desanimadamente tífico, impregnado do cheiro a excrementos, a alcatrão e a podre, que levava imediatamente ao desalento e à tristeza qualquer pessoa que ali chegasse de novo. Isto sentia-o em si a carcereira que vinha do pátio, apesar de estar habituada ao mau cheiro. Ao entrar no corredor, sentiu de repente cansaço e vontade de dormir.

Da cela vinha um som de azáfama: vozes de mulher e passos de pés descalços.

— Rápido, despacha-te daí, Máslova, já te disse! — gritou o carcereiro-chefe à porta da cela.

Dois minutos depois saiu pela porta da cela, em passo vivo, uma mulher ainda nova, baixa, de peito muito desenvolvido, que se virou muito depressa e ficou ao lado do carcereiro. Vestia uma bata cinzenta por cima de uma blusa branca e de uma saia branca. Trazia nas pernas umas meias grosseiras, e os pés calçados numas botinas da prisão; tinha a cabeça envolta num lenço branco, de baixo do qual, de modo visivelmente premeditado, saíam uns anéis de cabelos negros crespos. Todo o rosto da mulher era daquela brancura especial das pessoas que passaram muito tempo encerradas e que faz lembrar os grelos das batatas numa cave. Da mesma brancura eram as mãos pequenas e largas, assim como o pescoço branco e cheio, que se entrevia atrás da grande gola da bata. O que mais impressionava na brancura baça daquele rosto eram os olhos muito negros, brilhantes, um pouco inchados, mas uns olhos muito vivos, um dos quais era um pouco vesgo. Mantinha-se muito direita, esticando o peito volumoso. Ao sair para o corredor, atirando um pouco a cabeça para trás, olhou a direito nos olhos do carcereiro e parou, pronta

a cumprir tudo o que dela exigissem. O carcereiro ia já fechar a porta, quando de lá assomou o rosto pálido, severo, enrugado de uma velha em cabelo, grisalha. A velha começou a dizer qualquer coisa a Máslova. Mas o carcereiro deu com a porta na cabeça da velha, e a cabeça desapareceu. Na cela, uma voz feminina soltou uma gargalhada. Máslova também sorriu e voltou-se para o pequeno postigo gradeado da porta. A velha, do outro lado, chegou-se ao postigo e em voz rouca, disse:

— Principalmente, não fales de mais, fixa-te numa coisa, e pronto.

— Pois seja numa coisa, pior já não pode ser — disse Máslova, sacudindo a cabeça.

— Já se sabe que é numa, e não em duas — disse o carcereiro-chefe, muito seguro do seu próprio gracejo de chefe. — Atrás de mim, marche!

O olho da velha, que se via ao postigo, desapareceu. Máslova saiu para o meio do corredor e em passos miudinhos e rápidos caminhou atrás do carcereiro-chefe. Desceram a escada de pedra, passaram ao lado das celas dos homens, ainda mais fedorentas e ruidosas do que as das mulheres, e, seguidos em toda a parte pelos olhares nos postigos das portas, chegaram ao escritório, onde dois soldados de escolta, armados de espingardas, já estavam à espera. Um escriturário ali sentado deu a um dos soldados um papel impregnado de fumo de cigarro e, indicando a presidiária, disse:

— Leva-a.

O soldado, um mujique de Nijni-Nóvgorod com o rosto vermelho, marcado das bexigas, piscou um olho ao seu camarada, um chuvache de rosto largo, indicando a presidiária. Os soldados e a presidiária desceram a escada e dirigiram-se à saída principal.

À porta da saída principal abriu-se uma cancela, e, depois de passarem o limiar da cancela para o pátio, os soldados e a detida saíram da cerca e seguiram pela cidade, pelo meio das ruas empedradas.

Cocheiros, lojistas, cozinheiros, operários, funcionários paravam e olhavam a detida com curiosidade; alguns indicavam-na com a cabeça e pensavam: «Aí está ao que leva um mau comportamento, diferente do nosso.» As crianças olhavam a bandida com pavor, tranquilizando-se apenas porque atrás dela iam os soldados e ela agora já não fazia nada. Um mujique de aldeia, que vendera o carvão e bebia chá numa casa de comidas, aproximou-se dela, persignou-se e deu-lhe um copeque. A detida corou, inclinou a cabeça e disse qualquer coisa.

Sentindo os olhares fixos nela, a detida, sem se voltar, espreitava pelo canto do olho aqueles que a olhavam e essa atenção que lhe era prestada alegrava-a. Também a alegrava o ar primaveril, puro, compa-

rado com o da prisão, mas era doloroso caminhar sobre as pedras com os pés desabitados de andar e enfiados nos desajeitados coturnos da prisão, e olhava para debaixo dos seus pés, tentando caminhar o mais ligeiramente possível. Ao passar junto de uma loja de farinhas, diante da qual andavam alguns pombos sem que ninguém os incomodasse, a detida quase dava um pontapé num deles; o pombo esvoaçou e, agitando as asas, voou mesmo junto ao ouvido da detida, atingindo-a com a deslocação do ar. Ela sorriu e depois, lembrando-se da sua situação, soltou um profundo suspiro.

II

A história da prisioneira Máslova era uma história muito comum. Máslova era filha de mãe solteira, uma criada que vivia com a mãe, vaqueira, numa aldeia pertencente a duas irmãs solteironas, latifundiárias. Essa mulher solteira dava à luz todos os anos e, como habitualmente se faz nas aldeias, batizavam a criança, depois a mãe não a alimentava, por não ser desejada, ser desnecessária e um estorvo para o trabalho, e a criança depressa morria de fome.

Assim lhe morreram cinco filhos. Todos foram batizados, depois não os alimentavam e eles morriam. A sexta criança, filha de um cigano de passagem, era uma menina, e o seu destino teria sido o mesmo, mas aconteceu que uma das duas velhas senhoras entrou no estábulo para fazer uma admoestação às vaqueiras por causa das natas que cheiravam a vaca. No estábulo estava deitada a parturiente com um bebé bonito e saudável. A velha solteirona deu a repreensão por causa das natas e por terem deixado entrar no estábulo a parturiente, e ia já a sair quando, ao ver a criancinha, se enterneceu e se ofereceu para ser sua madrinha. Batizou a criança e depois, com pena da afilhada, dava leite e dinheiro à mãe e a criança sobreviveu. As velhas meninas chamavam-lhe precisamente «salvada».

A criança tinha três nos quando a mãe adoeceu e morreu. A avó vaqueira não conseguia tratar da neta, e então as velhas senhoras acolheram a menina. A menina de olhos negros saiu invulgarmente viva e encantadora e as velhas fidalgas alegravam-se com ela.

As velhas fidalgas eram duas: a mais nova, mais bondosa — Sofia Ivánovna, a que batizou a menina, e a mais velha, mais rígida — Maria Ivánovna. Sofia Ivánovna vestia a menina, ensinava-lhe a ler, e queria fazer dela sua educanda. Maria Ivánovna dizia que deviam fazer da me-

nina uma trabalhadora, uma boa criada de quarto, e por isso era exigente, castigava a menina e até lhe batia, quando estava indisposta. De modo que entre essas duas influências, a menina, ao crescer, tornou-se meio camareira e meio educanda. E chamavam-lhe um nome assim intermédio, nem Kátia nem Kátenka, mas Katiucha. Ela costurava, arumava os quartos, torrava, moía e servia o café, fazia pequenas lavagens e por vezes ficava sentada com as fidalgas a ler para elas.

Pediam-na em casamento, mas ela não se queria casar com ninguém, sentindo que a sua vida com aqueles homens de trabalho que a cortejavam lhe seria difícil, mimada como estava com a vida senhorial.

Viveu assim até aos dezasseis anos. Quando fez dezasseis anos, veio um sobrinho das senhoras visitá-las, estudante, um príncipe rico, e Katiucha, sem ousar confessar, nem a ele, nem a si própria, apaixonou-se. Dois anos mais tarde, esse mesmo sobrinho, a caminho da guerra, passou por casa das tias, ficou quatro dias com elas e na véspera de partir seduziu Katiuchka e, entregando-lhe no último dia uma nota de cem rublos, partiu. Cinco meses depois da partida dele, ela soube de certeza que estava grávida.

A partir de então tudo se lhe tornou odioso e ela só pensava em como escapar à vergonha que a esperava, e passou não só a servir mal e de má vontade as fidalgas, como nem ela mesma sabia como isso acontecia: de repente, não se conteve. Disse às fidalgas grosserias de que depois se arrependeu, e despediu-se.

E as fidalgas, muito descontentes com ela, deixaram-na ir. Depois disso tornou-se criada de quarto em casa de um comissário de polícia, mas só conseguiu lá ficar durante três meses, porque o comissário, um velho de cinquenta anos, começou a assediá-la e uma vez em que ele se tornou particularmente insistente, ela encolerizou-se, chamou-lhe estúpido e velho demónio, e deu-lhe um empurrão no peito com tanta força que o homem caiu. Expulsaram-na por brutalidade. Estava fora de questão procurar novo trabalho, porque em breve daria à luz; alojou-se em casa de uma viúva, parteira e traficante de bebidas alcoólicas. O parto foi fácil. Mas a parteira, que na aldeia atendera antes uma mulher doente, infetou Katiucha com a febre puerperal, e a criança, um menino, foi enviada para um orfanato, onde, como contava a velha que a levou, morreu pouco depois de chegar.

Todo o dinheiro que Katiucha tinha ao alojar-se em casa da parteira eram cento e vinte e sete rublos: vinte e sete rublos de poupanças e cem rublos que lhe dera o seu sedutor. Mas quando saiu de casa dela, restavam-lhe apenas seis rublos. Não sabia poupar o dinheiro, gastava-o con-